

**Centro de Estudos do Pragmatismo – Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Filosofia**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
[Número 1 - 2004]

**O Significado de “Aplicação” na Tecnologia e na Semiótica**  
Idéias ensaiadas a partir da Semiótica e do Pragmatismo de Charles S.  
Peirce

Eluiza Bortolotto Ghizzi  
PUC-SP  
[ghizzi@nin.ufms.br](mailto:ghizzi@nin.ufms.br)

**RESUMO:** Este é um estudo que toma como base teórica a Semiótica Geral e o Pragmatismo de Charles S. Peirce para pensar a idéia de “aplicação”, que aparece tanto como associada à tecnologia, na idéia de que tecnologia é uma “ciência aplicada”, quanto à semiótica, quando se trata da idéia de semiótica aplicada. Partimos de uma exposição geral das idéias de Peirce acerca do que se deve entender por pensamento em sentido amplo e passamos ao entendimento do papel da ação prática nos processos de pensamento e na sua evolução. Em seguida, introduzimos algumas idéias sobre técnica e tecnologia, que buscamos ver à luz da Semiótica Geral e do Pragmatismo. Procuramos expor a idéia de “aplicação” de modo a evidenciar seu papel na correção e construção do pensamento. Buscamos com isso problematizar possíveis entendimentos de que as ciências puras, de um lado, e as aplicadas, de outro, se dividiriam de tal modo que as últimas meramente aplicariam conhecimentos desenvolvidos pelas primeiras.

**Palavras-chave:** Semiótica, Pragmatismo, Peirce, Tecnologia, Técnica.

***The Meaning of "Application" in the Technology and in Semiotics***  
*Ideas rehearsed starting from Semiotics and Pragmatism of Charles S. Peirce*

**ABSTRACT:** *This is a study that takes as theoretical base General Semiotics and Pragmatism of Charles S. Peirce to think the idea of "application", that appears associated to the technology, in the idea that technology is a "applied" science, and, too, with semiotics, in idea of applied semiotics. We left of a general exhibition of the ideas of Peirce concerning which one should understand for thought and we passed to the understanding of the paper of the practical action in the thought in processes and in its evolution. Soon after, we introduced some ideas about technique and technology, that we looked for to see to the light of General Semiotics and of the Pragmatism. We tried to expose the idea of "application" in way to evidence its role in the correction and construction of the thought. We looked for with that to question possible understandings that the pure sciences, of a side, and the applied ones, of other, would divide in a such way that the last ones merely would apply knowledge developed by the first ones.*

**Key-words:** *Semiotics, Pragmatism, Peirce, Technology, Technique.*

A idéia de *evolução* em Peirce permeia o todo do seu sistema filosófico. Na Fenomenologia está associada à terceiridade ou à experiência de mediação que, na Semiótica, foi associada à concepção de signo ou à nossa capacidade de pensamento, de produzir significação; mais propriamente à de signo genuíno e à semiose.

A idéia de *mente* está na base da sua idéia peirceana de evolução em sentido amplo. Essa idéia ele desenvolve tomando a mente humana como campo de estudo e trabalhando a hipótese da generalização dos fenômenos observados para além da mente

humana em sentido estrito, estendendo-os para todo o campo fenomênico, como categorias gerais da experiência e, também, para a Metafísica.

À extensão dos fenômenos corresponde uma extensão, também, da idéia de mente, que passa a não ser entendida em sentido estrito, como especificidade do humano, mas em sentido amplo, como propriedade do Universo como um todo. Mais do que isso, Peirce trabalha a hipótese metafísica da precedência da mente sobre todas as coisas. Não da mente humana, mas da mente em si. A mente é tomada como uma *realidade* anterior a qualquer outra e da qual decore toda diversidade de mentes, incluindo a nossa (humana).

Deriva daí que *tudo é mente*; mente é a origem e o substrato de tudo: que pensa e o que é pensado se caracterizam como *eidéticos*<sup>1</sup>. O caráter *mental* das coisas, portanto, mesmo se elas são entendidas como coisas materiais, não é concebido como dependente da mente humana ou de qualquer *outra* mente que pense a coisa; não é subjetivo, mas, ‘objetivo’. Daí que, para o Idealismo Objetivo de Peirce, não há um dualismo entre mente e matéria.

Essa mente ontológica foi concebida como sendo regida por três princípios, associados aos princípios lógicos pelos quais nossa própria mente é regida. A relação entre esses princípios – ontológicos e da mente humana - fica assim estabelecida: o *acaso* ontológico corresponderia à liberdade de sentimentos da mente humana, àqueles sentimentos cuja condição é tal que, assim como as obras do acaso, não podem ser submetidos a qualquer imposição; trata-se dos nossos sentimentos mais íntimos e livres de qualquer constrição. A *existência* ontológica foi associada à capacidade da nossa mente de exteriorizar-se e de reagir ao seu meio ambiente. O terceiro princípio ontológico foi chamado de *lei*, é um princípio de regularidade, associado às regularidades do nosso próprio pensamento.

Não apenas os princípios, mas também as inter-relações entre acaso, existência e lei foram pensadas em analogia com o modo como, na nossa mente, inter-relacionamos sentimentos, ação e pensamento. Essas *inter-relações* puderam ser observadas no nosso *processo* de pensamento. Em analogia com esse processo, Peirce concebeu a forma lógica dos processos de significação em geral, na mente e no Universo, que concebeu como processos de pensamento em sentido amplo, aos quais deu o nome de *semiose*.

---

<sup>1</sup> Ivo Assad IBRI fez referência ao uso desse termo na filosofia de Peirce da seguinte forma: “utilizamos o termo ‘eidético’ no sentido platônico de eidos, que designa a estrutura do Real e sua inteligibilidade”. Ibri, 1992: 55.

Com isso passou **de** um entendimento estrito de pensamento, que leva a crer que o ato de pensar é limitado ao homem e a quem pensa, **a** um entendimento amplo de pensamento, colocando-o sob o ponto de vista da Semiótica, para o qual o essencial para o pensamento é que ele se caracterize como um processo pelo qual as idéias são formadas, se transformam, crescem, são criticadas e aprimoradas. Esse processo, como já dissemos acima, assume a forma lógica de uma semiose (pensamento = semiose); um processo lógico que envolve mediação entre signos.

A semiose é objeto de estudo da Semiótica ou Lógica em sentido amplo, conforme concebida por Peirce. Pode-se dizer também que a Semiótica é o estudo dos signos, mas, como precisamente compreendeu Nöth, “o signo não é uma classe de objetos, mas a função de um objeto no processo da semiose”<sup>2</sup>. Na sua opinião, “para definir a semiótica peirceana é preciso dizer que não é bem o signo, mas é a semiose que é seu objeto de estudo”<sup>3</sup>; o que nos parece coerente com o evolucionismo que permeia sua filosofia.

Entendida como lógica do pensamento em sentido amplo, a Semiótica vai se dedicar à forma lógica dos processos de significação no Universo como um todo. Está implícita aí a sua importância no pensamento de Peirce, talvez semelhante à importância da sua Fenomenologia e até do seu Pragmatismo. E evidencia-se, também, a sua potencialidade para a análise de qualquer processo semiótico. *Mas o que é um processo semiótico?* Tomada a hipótese peirceana de que tudo é, de algum modo, mente, decorre que tudo é, de algum modo, uma entidade semiótica, age por meio de signos. O processo semiótico é suposto como o processo pelo qual, virtualmente, todas as coisas *agem*. Pode-se dizer que pensamento é uma forma de ação ou, vice versa, que toda ação é uma forma de pensamento. Obviamente o termo *ação* aqui foi tomado em um sentido amplo, como ação *sígnica*, assim como o *pensamento* também foi tomado em sentido amplo.

Dissemos que o pensamento age por semiose e que esta envolve mediação entre signos. Mediação é também um termo lógico para o que comumente chamamos de *meio*. Se a toda mediação corresponde uma semiose, a toda propagação de idéias, por qualquer meio, corresponde um pensamento, em sentido amplo. Em outras palavras: pensamento em sentido estrito é uma transferência de idéias que utiliza como meio as

---

2 NÖTH, 1995: 68.

3 NÖTH, 1995: 68.

formas eletroquímicas internas ao cérebro humano, ainda não completamente conhecidas por nós; pensamento em sentido amplo é uma transferência de idéias que utiliza quaisquer tipos de meio (energético ou material) e não está limitada ao cérebro humano.

A Semiótica, portanto, é uma ciência das mediações (semioses, pensamentos) em geral. Do ponto de vista da Semiótica, pode-se dizer que o pensamento humano em sentido estrito é uma forma particular de semiose. E, aprofundando essa perspectiva, vamos encontrar não uma, mas diferentes formas de pensamento humano, para além daquele em sentido estrito. Essas formas envolvem o uso de diferentes meios: acústicos, como na fala ou na música; materiais sólidos, como nos objetos em geral e na própria escrita tradicional, ópticos, como no cinema, físico-químicos, como na fotografia.

Tomemos uma idéia particular em nossa mente: é uma idéia registrada em nosso cérebro ou em nosso sistema neurológico, cujos detalhes sobre a forma desse registro são matéria de pesquisas ainda em curso. Agora tomemos uma idéia particular registrada em um texto: é uma idéia que usa formas de registro apropriadas às matérias do papel e da tinta. Tomemos ainda uma obra de arte, que também é uma idéia usando as formas apropriadas à tinta e à tela, por exemplo, para seu registro. Comumente vemos coisas como um texto ou uma pintura como sendo não mais do que a expressão fiel de uma idéia que alguém teve (esta sim uma idéia de verdade). A Semiótica vai ver tudo como signo, as idéias elaboradas no córtex cerebral e as elaboradas externamente a ele, com outros meios.

A passagem da primeira para as últimas é caracterizada como uma semiose e implica sempre em transformação de *uma* idéia em *outra*, onde *uma* e *outra* são diferentes entre si, seja quando a semiose ocorre no interior de um cérebro ou de um cérebro para outro ou de um cérebro humano para o meio ambiente ou vice versa. Da concepção de que uma idéia nunca é igual à outra, decorre que as idéias em um texto lingüístico ou em uma pintura, por exemplo, não são exatamente iguais à elaborada no córtex cerebral de quem escreve ou pinta.

Mas o processo de semiose também não é mera transcodificação de idéias usando diferentes meios, transformando idéias ou apenas multiplicando a diversidade de idéias aleatoriamente. O nosso pensamento, como todo processo de semiose, ocorre, de acordo com Peirce, segundo um princípio evolucionista. À luz de um princípio evolucionista comandando as semioses em geral, não cabe conceber processos de

transformação que ocorrem por mero acaso, já que o evolucionismo inclui a idéia de finalidade. Contudo, não se trata aqui de um evolucionismo com qualquer finalidade determinada; de um evolucionismo mecanicista, cujas transformações são uma relação estrita entre causa e efeito. Não um evolucionismo do tipo em que toda mudança é sempre para melhor, mas do tipo que, parafraseando Ibri, age por representações que são “geneticamente falíveis, mas passíveis, sempre, de auto-corretividade em processos de longo tempo (*long run*)”<sup>4</sup>. A finalidade última do evolucionismo peirceano está colocada nas próprias idéias de crescimento e aperfeiçoamento<sup>5</sup> dos conceitos que está na sua concepção de como o pensamento age.

Até aqui, então, associamos pensamento (em sentido amplo) a mediação e semiose; e esta última a uma ação transformadora que age por um princípio evolucionista. Coloquemos agora que o que evolui com o nosso processo de pensamento são os significados que ele gera a partir de um *objeto*. Esse objeto que está no pensamento é, mais precisamente, um objeto semiótico (que Peirce chamou de objeto imediato), gerado a partir de um objeto real.

No texto “*The Pragmatic Máxime*”, Peirce escreve que “a ação do pensamento está excitada pela irritação da dúvida”<sup>6</sup>. Essa ação é obviamente a *ação de significar*. Essa dúvida presente em todo pensamento (e, extensivamente, em todo significado) pode ser vista, sugerimos, como um reconhecimento intuitivo do próprio pensamento (de qualquer homem comum) acerca do caráter representativo e, portanto, falível, da nossa relação com os objetos que são *outros para nós*. Uma dúvida essencial incorporada como regra do nosso pensamento.

Além de atentar para a dúvida, Peirce escreve que a ação do pensamento “cessa quando a convicção é atingida; de forma que a produção de convicção é a função exclusiva do pensamento”<sup>7</sup>. O significado de *cessar* deve ser entendido na relação com o que se deverá compreender por *convicção*. No uso particular do termo dado no Pragmatismo, não há convicção absoluta, e, conseqüentemente, não há um cessar absoluto do pensamento, apenas, como Peirce colocou depois, um repouso<sup>8</sup>.

---

4 IBRI, “Pragmatismo e técnica”, *Hipnós*, n. 4, Educ\_Palas Athena, 1998.

5 IBRI, “Pragmatismo e técnica”, *Hipnós*, n. 4, Educ\_Palas Athena, 1998.

6 CP 5.349, trad nossa.

7 CP 5.349, trad nossa.

8 CP 5.397.

Se olharmos cada etapa do pensamento como uma ação com começo meio e fim<sup>9</sup>, a *convicção* ocupa o lugar do “fim”. Mas se, de um lado, a convicção é o fim de um pensamento, de outro, cada convicção também tem um “fim”: é colocada, ao mesmo tempo, como *uma regra para a ação*. E toda ação, ou *aplicação da regra*, na medida em que envolve outra etapa do pensamento, envolve novamente uma dúvida. Assim, parafraseando o autor, a convicção é só *um estágio de ação mental* que deverá *influenciar um pensamento futuro*<sup>10</sup>.

Configuramos a sucessão “regra para ação - aplicação da regra” como a passagem de um pensamento a outro. Além disso, cada aplicação da regra é uma particularização da regra que está na convicção; enquanto a convicção é geral, a ação é algo aqui e agora. E o pensamento precisa produzir um *aqui e agora* para sua própria evolução; as *ações que são aplicações da regra* são como exigências do pensamento para que ele possa ver-se em ação e fazer sua autocrítica (a autocrítica da convicção ou da regra geral).

O pensamento, portanto, alternar do geral para o particular e do particular para o geral. Isso caracteriza a dinâmica dos processos evolutivos em geral, que vai se configurar em diferentes instâncias do sistema filosófico de Peirce. A inter-relação entre as categorias ontológicas - acaso, existência e lei - vistas sob a óptica evolucionista do pensamento em geral, coloca a lei e o acaso como gerais que se atualizam nos particulares, estes caracterizados pela existência. A passagem do geral para o particular e desse para o geral caracteriza uma *dinâmica que tipifica a ação* tanto da mente humana quanto da natureza. Ou seja, tanto o que *existe* por força da natureza quanto o que *existe* por força da mente humana marca a instância da descontinuidade na continuidade dos seus processos evolutivos. E essas descontinuidades são, como escreve Ibbri, “instâncias *necessárias* para o aperfeiçoamento evolucionário das continuidades. É, desta forma, que se instaura um diálogo entre signos para o qual prevalecerá, sempre, o *crescimento eidético* na forma de *aprendizagem*”<sup>11</sup>.

Aperfeiçoamento e aprendizado podem ser entendidos como um “fim” da própria ação que é a aplicação prática de uma regra. Enquanto instância da ação mais geral do pensamento, esta ação particular (aqui e agora) pode ser entendida como um

---

9 CP 5.395.

10 CP 5.397.

11 IIBRI, “Pragmatismo e técnica”, *Hypnós* n. 4, Educ-Palas Athena, 1998.

tipo de ação que vamos chamar de *ação prática*. A prática, como passagem do contínuo pelo descontínuo, escreve Ibri,

[...] é o modo pelo qual o plano teórico *aparece*, vale dizer, *tem conseqüências fenomenologicamente experienciáveis*. O diálogo semiótico, necessário à instauração da semiose, ou seja, da função cognitiva, requer o *prático* como *experienciável* visando a validação universal da instancia teórica<sup>12</sup>.

Refletindo, na óptica do Pragmatismo, sobre o que, em diferentes culturas humanas, tem sido chamado de *técnica*, Ibri observa que “boa parte do trabalho humano viabiliza-se por um sistema de regras, não infreqüentemente inconsciente, que denominamos *técnica*”<sup>13</sup>. Cada regra desse sistema de regras pode ser associada, sugerimos, àquela *regra para a ação* a que Peirce se refere como caracterizando as convicções que são instâncias de qualquer pensamento.

Cabe dizer aqui que *técnica* é, também, entendida como a própria prática de alguma coisa, como a maneira de fazer alguma coisa enquanto se faz. Detecta-se, portanto, um duplo sentido: de *técnica* como *conhecimento técnico* e de *técnica* como *prática*. Esse duplo sentido no uso comum do termo coincide com seu caráter duplo reconhecido, também, sob a perspectiva do Pragmatismo: de regra, de um lado, e de ação prática, de outro. Em outras palavras, parece reconhecer as limitações da regra por si só, apenas superadas se essa regra se estender em uma prática, já que, como bem observou Ibri, a “*técnica* provedora do sucesso de uma *prática* não tem, por si só, poder-se ia dizer, *potência heurística* para novos caminhos”<sup>14</sup>.

Ibri também escreve sobre a relação da *ciência* com a *técnica*. Tal como entendemos o texto do autor, a ciência seria pura abstração, talvez nunca aplicável a qualquer objeto real, se não estabelecesse um diálogo com problemas práticos, existentes e observáveis. De outro lado, a técnica sem a ciência seria cega para o crescimento do saber mais geral que, parece óbvio, está na base do desenvolvimento das culturas humanas.

Paolo Rossi, em “Os Filósofos e as Máquinas”, escreve que “a ‘direção do interesse’ dos físicos medievais ‘poderia ter sido fatal para a ciência do Ocidente’, pois, por mais excelente que fosse sua metodologia, ‘eles nunca colocavam seus métodos à

---

12 IBRI, “Pragmatismo e técnica”, *Hypnós* n. 4, Educ-Palas Athena, 1998.

13 IBRI, “Pragmatismo e técnica”, *Hypnós* n. 4, Educ-Palas Athena, 1998.

14 IBRI, “Pragmatismo e técnica”, *Hypnós* n. 4, Educ-Palas Athena, 1998.

prova da prática’ ”<sup>15</sup>. A aliança entre ciência e técnica foi definitivamente formalizada a partir do Renascimento, como registra Paolo Rossi:

Alguns grandes temas da cultura européia aparecem ligados à discussão sobre as artes mecânicas, que alcançou notável intensidade entre 1400 e 1700. Nas obras dos artistas e experimentadores do século XV, nos livros sobre máquinas e nos tratados dos engenheiros e técnicos do século XVI, ganha corpo uma nova apreciação sobre o trabalho, a função do saber técnico, o significado dos processos artificiais de alteração e transformação da natureza. Também no *plano da filosofia, em meios bastante atentos a esse tipo de questões, emerge uma valorização das artes bem diferente da tradicional: alguns dos procedimentos utilizados pelos técnicos e artesãos para modificar e alterar a natureza concorrem para o conhecimento efetivo da realidade natural, ou melhor, valem para mostrar – como se disse em explícita polêmica contra as filosofias tradicionais – a natureza em movimento*<sup>16</sup>.

As relações estabelecidas entre o trabalho dos filósofos e dos artistas entre os séculos XV e XVIII estão, como constatou o autor, nas bases do nascimento da ciência moderna. E estão, também, nas bases do nascimento do que temos chamado de *tecnologia*. Esta última não poderia ter surgido oficialmente sem a aliança formal entre conhecimento científico e conhecimento técnico. Isso mesmo sem desconhecer que o que hoje entendemos por tecnologia já existisse antes da formalização do termo, tanto que histórias da tecnologia vasculham épocas anteriores ao século XVII, que é o século que Ruy Gama especifica como do nascimento do termo<sup>17</sup>. O próprio Ruy Gama organiza o livro intitulado “História da técnica e Tecnologia”, com textos de vários autores que vão desenvolvendo sua análise sobre os conhecimentos técnico e tecnológico de diferentes épocas.

Embora já decorram mais de três séculos do surgimento do termo, ele é, ainda hoje, utilizado no senso comum de modo a não ser distinguido, muitas vezes, de técnica. Uma diferença que talvez possamos estabelecer entre tecnologia e técnica é a de que enquanto a *técnica* é comumente vista como o modo de fazer uma coisa particular, a tecnologia pode ser vista como o modo de fazer tanto aquela coisa particular quanto outras coisas que tenham, em comum com aquela, certas características gerais. A partir da observação de certas características gerais de uma técnica ou de um conjunto de técnicas, por exemplo, o conhecimento tecnológico permite estender esse conhecimento

---

15 ROSSI, 1989: 40.

16 ROSSI, 1989: 17.

17 GAMA, Ruy. “A Tecnologia em Questão”. *Revista USP*, setembro, outubro, novembro, 1990, p. 43.



à aplicação em outras práticas. Há, portanto, um vínculo entre o conhecimento tecnológico, mais geral, e o conhecimento técnico.

Assim, mesmo se certas técnicas (práticas) são perdidas em uma cultura específica, por exemplo, o que implica dizer aqui que se perdeu um modo particular de fazer algo, aquele conhecimento técnico pode ter sido incorporado em um conhecimento tecnológico e participar do desenvolvimento tecnológico daquela cultura, bem como de técnicas futuras. O conhecimento tecnológico é tal que caberia dizer que, como o conhecimento técnico, é um conhecimento sobre o modo de fazer que, contudo, extrapola a especificidade de qualquer particular a que se aplique. Enquanto as técnicas tendem a se manter relacionadas a coisas localizadas no espaço e no tempo, a tecnologia não conhece barreiras espaciais ou temporais. A técnica, porém, enquanto é um conhecimento, já contém potencialmente a tecnologia, mas chamamos de tecnologia a ciência que efetivamente estabelece as relações entre as técnicas, organiza esse conhecimento em diálogo com as formulações mais abstratas da ciência, preparando-o para estar à disposição de um número virtualmente muito maior de pessoas e ser capaz de aperfeiçoar técnicas existentes, gerar novas e, por esse processo, estimular seu próprio desenvolvimento. Estabelece-se aí, portanto, um outro vínculo da tecnologia; se, de um lado, ela aprende com o conhecimento técnico, de outro, ela utiliza os processos de pensamento abstrato das ciências em geral para desenvolver um processo próprio de generalização do conhecimento, para além de qualquer prática em específico.

À luz da Semiótica e do Pragmatismo a tecnologia pode ser caracterizada como pensamento: consiste em relação e está voltada para a ação apenas na medida em que esta ação permite novas relações. Tal como o próprio pensamento, a tecnologia não tem a ação prática como fim, mas como estágio necessário do seu próprio desenvolvimento. O fim da tecnologia, assim como o fim do pensamento pragmático é o seu próprio aperfeiçoamento pelo exercício da ação mental.

Ruy Gama, em um texto intitulado “A Tecnologia em Questão”<sup>18</sup>, atenta para o uso que fazemos do termo “tecnologia”, que é traduzido do inglês *technology* e analisa:

“[...] é sabido que a palavra inglesa [...] cobre um vasto campo de significados, indo desde o que entendemos por técnica, ou conjunto de técnicas, até instrumentos, ferramentas e objetos tecnicamente produzidos, bem como o *know-how* (palavra hoje quase em desuso), o “saber fazer” presente na produção industrial. [...] Acrescenta-se a esses

---

18 GAMA, Ruy. “A Tecnologia em Questão”. *Revista USP*, setembro, outubro, novembro, 1990, pp. 43-48.

os significados mais recentes ligados aos mecanismos de mercado, onde *technology* designa inventos e se associa a marcas, patentes, propriedade industrial e concessão de direitos de uso e de exploração. Aí cabe falar em transferência e venda de tecnologia”<sup>19</sup>.

Mas, na acepção própria do autor, a discussão importante acerca de tecnologia diz respeito à sua relação com a ciência. Opõe-se à idéia de que tecnologia seja *ciência aplicada*, por estar implícita na idéia de aplicação “a precedência da ciência em relação à prática”<sup>20</sup>, que se traduz como uma precedência (valorativa) da *teoria* em relação à *prática*. Isso, por sua vez, colocaria as ciências chamadas “puras” (leia-se: puramente teóricas) em um patamar hierarquicamente superior em relação à tecnologia como ciência. Em oposição a isso o autor se posiciona da seguinte forma:

“Recuso-me [...] a aceitar a tecnologia como ciência aplicada, e advogo a sua definição como ciência, ela mesma, voltada para a produção. Diria então que a “tecnologia é a ciência do trabalho produtivo”. É uma ciência nova [...]. Christian Wolff, filósofo e matemático, discípulo direto de Leibniz, define-a em meados do século XVIII como “ciência das artes e das obras de arte”. Ela não se confunde por isso com o fazer e nem com os produtos materiais, mas *é discurso, sistematização racional e científica dos conhecimentos oriundos, o mais das vezes, da prática produtiva.*”<sup>21</sup>

A partir dessa idéia, coloco em questão a concepção de *aplicação*. O que significa, afinal, dizer que uma ciência, ou uma filosofia, ou uma arte é aplicada? Ou, trazendo o problema para o terreno da semiótica peirceana: o que queremos significar quando dizemos que uma semiótica *é* aplicada? Ou que uma semiótica *não é* aplicada? Temos dito muitas vezes que Peirce desenvolveu uma semiótica *geral* e que ele não desenvolveu uma semiótica *aplicada*. Fazemos nessa fala uma diferenciação entre geral e aplicado. Mas o que é essa diferenciação?

Se ela se constitui em uma relação tal que a aplicação decorre simplesmente do geral, como se aplicar fosse colocar em prática uma teoria, então *fazer semiótica aplicada é colocar em prática uma semiótica geral*? Sugiro que, em certo sentido, é exatamente assim; mas apenas em um sentido incompleto. Se eu faço (como, de fato, eu própria faço) uma *semiótica da arquitetura*, por exemplo, eu não estaria colocando a arquitetura como algo que não tem qualquer coisa a ensinar ao colocar como fim para essa atividade a mera aplicação das idéias de Peirce, contidas na *Semiótica Geral*, à

---

19 GAMA, Ruy. “A Tecnologia em Questão”. *Revista USP*, setembro, outubro, novembro, 1990, p. 43.

20 GAMA, Ruy. “A Tecnologia em Questão”. *Revista USP*, setembro, outubro, novembro, 1990, p. 43.

21 GAMA, Ruy. “A Tecnologia em Questão”. *Revista USP*, setembro, outubro, novembro, 1990, pp. 43-44; grifos nossos.

arquitetura? A par de todas as questões que isso pode suscitar, eu vou levantar apenas uma: a que me parece mais premente.

Quando eu faço uma semiótica aplicada eu tomo um “objeto de aplicação”. Para ser coerente com as idéias contidas na Semiótica Geral, eu tenho que tomar esse objeto como, simultaneamente, “objeto de conhecimento”. O objeto de conhecimento só é de conhecimento de fato quando representado; e, nos processos de semiose genuína, a generalidade da representação sofre determinações do objeto, que é anterior (e tem alteridade) relativamente ao processo de significação, ainda que, para o pensamento, o signo seja um primeiro<sup>22</sup>. Isso sem considerar que essa determinação seja absoluta na representação.

Ou seja, o pensamento necessita criar uma dinâmica que permita confrontar suas representações com os objetos da experiência. Nessa ação o pensamento tende a uma representação cada vez mais próxima do objeto, ainda que nunca completa, dado que os próprios objetos de representação estão em evolução. O que caracteriza esse processo é a mediação entre representação e objeto que se dá, sempre, em outra representação.

Assim como uma representação qualquer, uma semiótica aplicada requer uma mediação entre a Semiótica Geral e o seu objeto de aplicação para conhecê-lo. A Semiótica Geral pode, no máximo, dar as regras gerais do pensamento, mas a realidade do objeto de uma semiótica aplicada, seja ele cultural ou natural, só pode ser dada pelo objeto. E é isso que torna fundamental ir ao objeto, deixando que ele manifeste aquilo que ele “é”, não meramente “vestir” o objeto com uma teoria.

Além disso, cabe especificar que a finalidade de uma semiótica aplicada não deve ser o de indicar uma prática, de modo que ela não é uma ciência prática; sua finalidade está em capturar a natureza *eidética* do seu objeto de estudo, identificando seus modos de ser, mais especificamente, seus processos de representação na sua generalidade.

Por analogia podemos dizer que, tal como uma tecnologia se alimenta do conhecimento científico, de um lado, e do conhecimento técnico, de outro, uma semiótica aplicada se alimenta da Semiótica Geral, de um lado, e dos seus objetos de aplicação, de outro. Produz conhecimento a partir de ações particulares (ações de um

---

<sup>22</sup> Texto de nossa autoria, intitulado “O Significado de ‘Aplicação’ na Tecnologia, na Semiótica e nas Ciências”, apresentado como comunicação do “6 Encontro Internacional sobre o Pragmatismo” e publicado em <http://www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo/index.html>.

tipo particular de pensamento), contudo, trata-se de um conhecimento que vai além do conjunto de ações às quais se aplica.

Além disso, cabe perguntar sobre a Semiótica Geral: *Ela não está em relação com objetos existentes e experienciáveis e não é, também, uma teoria que vai além deles?* É verdade que a Semiótica Geral, tal como Peirce a concebeu, tem como *objeto* o pensamento; todavia, lida com o pensamento em processo, diga-se, com a ação do pensamento, o que justifica Peirce tê-la classificado como ciência filosófica (segunda categoria na classificação das ciências) e normativa (segunda categoria na classificação das filosofias). A classificação da Semiótica como ciência de segundidade, sob esse aspecto, pode ser traduzida como um reconhecimento, por parte de Peirce, de que, embora ele a tenha classificado como puramente teórica<sup>23</sup> ela não está desligada da ação. E, apesar disso, não se limita a ela, daí que ela “não é uma prática, nem uma investigação conduzida com vistas à produção de uma prática”<sup>24</sup>. Sob este ponto de vista, não deixa de ser uma semiótica aplicada, contudo, mais geral do que qualquer outra, dado que o seu objeto de aplicação, o pensamento, foi generalizado para toda ação mental na mente humana e no Universo como um todo, o que lhe dá o direito de ser chamada Semiótica Geral. Outro ponto a considerar é que a Semiótica Geral, tal qual as semióticas aplicadas, também tem por base um conhecimento mais abstrato. Enquanto ciência tem filosófica, tem por base a Matemática e, enquanto ciência normativa, a Fenomenologia.

Mas, mais além disso, eu não poderia supor que não apenas a Semiótica, mas outras ciências chamadas de puras (com exceção, talvez, da Matemática) têm sempre um conhecimento mais abstrato que lhe serve de base; e têm sempre um objeto, desde que concebido no sentido semiótico do termo? Qualquer que seja o objeto, o que importa para qualquer ciência não é o conhecimento que temos dele, mais do que definir se ele é um objeto da imaginação ou da experiência sensível? E não é da *prática* de qualquer ciência lidar com seus objetos tornando-os, de algum modo, experienciáveis, exteriorizando representações dele, mesmo que por meio de signos abstratos? E não são essas experimentações parte fundamental do aperfeiçoamento do pensamento sobre o objeto, um modo de permitir que o objeto se mostre para aprender com ele? Supondo que sim, então não seriam todas, em certo sentido, *aplicadas*?

---

<sup>23</sup> Peirce, 1977:198-199.

<sup>24</sup> Peirce, 1977:198-199.

Esse modo de ver a relação das ciências com seu objeto, me parece, não as coloca todas em nível de igualdade; ainda podemos diferenciar uma da outra pelo tipo de objeto a que se aplicam seus conhecimentos; mas essa diferenciação não pode envolver uma separação entre ciências práticas/aplicadas, de um lado e teóricas/puras, de outro, como se uma e outra fossem absolutamente diferentes. Não se entendermos que toda aplicação, como toda prática é apenas a uma forma externa de um conceito ou teoria, necessária ao aperfeiçoamento do próprio conceito. Aplicação e prática são, nesse sentido, modos de ser da teoria e não opostas a ela.

## REFERÊNCIAS

GAMA, Ruy. “A Tecnologia em Questão”. *Revista USP*, setembro, outubro, novembro, 1990, pp. 43-48.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva/Hólon, 1992.

IBRI, Ivo Assad. “Pragmatismo e técnica”, *Hypnós* n. 4, Educ-Palas Athena, 1998.

NÖTH, Winfred. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: ANNABLUME, 1995. (Coleção E;3).

PEIRCE, C. S. *Electronic edition of The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, reproducing Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958).

ROSSI, Paolo. *Os filósofos e as máquinas, 1400-1700*. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

SEBEOK, Thomas. “Comunicação”; in: RECTOR, M. & Neiva E. (orgs.). *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.